

“Ou não me consegui explicar, ou havia pouca vontade de ouvir”

O responsável pela ERC deixa críticas ao comunicado do PS sobre o relatório discutido em S. Miguel.



AZEREDO LOPES lamenta “o tom inusitado e a roçar a grosseria” do comunicado do Grupo Parlamentar do PS/Açores

Azaredo Lopes, presidente da Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) falou a DI sobre o encontro com os grupos parlamentares dos Açores e lamenta o comunicado dos socialistas sobre o relatório do pluralismo político-partidário na RTP. O responsável considera que o tom do documento chega a ser grosseiro e não compreende as críticas feitas pelo PS na Região ao modelo de avaliação da ERC, até porque o partido não apresentou alternativas.

Que conclusões retira do encontro com os grupos parlamentares dos Açores? Foi uma reunião profícua e esclarecedora?

Foi uma reunião profícua, decerto. Quanto a ter ou não sido esclarecedora, pensei que sim, visto o diálogo rico que ocorreu durante a audição. Mas, lendo o comunicado do PS-A, chego à conclusão de que terá sido, ao contrário do que pensava, pouco esclarecedor. Infelizmente, ou não me consegui explicar devidamente, ou havia pouca vontade de ouvir.

Para o PS/Açores este estudo constitui uma “pura negação do jornalismo”, uma vez que, consideram, a atividade jornalística não é compatível com a atribuição

de quotas à presença dos partidos políticos nos blocos noticiosos. Considera que este modelo pode, de facto, “condicionar o livre trabalho dos jornalistas”?

Naturalmente que não.

Admite ainda que este modelo possa prejudicar os governos?

Não admito nem tenho que deixar de admitir, porquanto, tanto quanto ainda sei, não fui ao Parlamento açoriano para ser julgado para depois ser passada sentença. De qualquer modo, não precisaria de admitir o que quer que fosse. Teria sido suficiente, para evitar pensar-se ter sido feita tão grande descoberta, ter lido antes o documento da ERC onde se apresentam as

linhas fundamentais do plano de avaliação do pluralismo político-partidário.

O PS/Açores fala em falhas do relatório, “algumas das quais admitidas pelos seus responsáveis”. De que “falhas” falamos? São lacunas que comprometem os resultados analisados?

Não se trata de falhas, e lamento o tom inquisitorial e deselegante. Talvez não tenha ainda sido percebido, mas a ERC é uma entidade administrativa independente, e não se deslocou (aliás, com todo o gosto) ao Açores para estar presente num qualquer tribunal. O que foi dito em audição – e agora detestavelmente deturpado – é que não há modelos perfeitos,

e que evidentemente, como qualquer modelo, este também não o é. Mas não deixa de ser curioso que à pergunta sobre alternativas, não consigo ouvir qualquer resposta ou sequer sugestão. Ou talvez esta seja, pelos vistos, deixar de avaliar a forma como a RTP cumpre as suas obrigações – quem não sabe não sofre, não é?. Mas, se assim é, o objetivo deveria ser assumido. Choca, além disso – como ficou claro durante a audição e que, aliás, em audição teve que ser corrigido – que o PS-A considere ter sido visado no relatório elaborado pela ERC. Como suponho que a RTP-A não seja do PS-A, fica registada a incompreensão perante uma defesa à outrance, pelos vistos até pessoal relativamente àquilo

que é uma verificação objetiva.

Registo, como atrás assinaiei, o tom inusitado e a roçar a grosseria do comunicado do PS-A, relativamente ao qual me escuso a comentários adicionais: fala por si. Mas mantenho a minha impressão ao regressar dos Açores: foi uma deslocação muito profícua, e tenho a agradecer aos órgãos de comunicação social dos Açores que nos deram o gosto de conosco reunir, debater e discutir. Tenho também que agradecer ao Parlamento açoriano e, em especial, à Comissão de Assuntos Parlamentares e respetivo presidente. Não é uma qualquer pulsão partidária deslocada que alterará o que acabo de dizer, e que exprime o que realmente sinto. ☐